



**Guilherme Gontijo Flores, João Angelo Oliva Neto, Márcio Meirelles Gouvêa Júnior & Raimundo Carvalho (orgs) (2017) *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina*. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 288p. ISBN:978-85-8217-602-3. Impresso: R\$79,80/Ebook: R\$55,90**

*Fabrizio Sparvoli (Universidade de São Paulo)*

fabrizio.godoy@usp.br

Publicado em 2017, *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina* constitui-se em uma antologia bilíngue de poemas latinos de temática homoerótica, organizada por Guilherme Gontijo Flores, João Angelo Oliva Neto, Márcio Meirelles Gouvêa Júnior e Raimundo Carvalho para a Coleção Clássica da Editora Autêntica. Livro de esmerada materialidade, compõe-se a obra de um prefácio, de uma apresentação, de 22 capítulos e de dois apêndices, ambos com inscrições parietais anônimas de Pompeia. Iniciando com os fragmentos de Valério Edítuo e encerrando com um excerto de Nemesiano, o arco temporal coberto pelos capítulos da antologia estende-se do século II a.C. ao III d.C.

Inicia-se o livro com o prefácio “O amor dos homens”, de Gouvêa Júnior. Nele, argumenta o autor que “O imaginário acerca da Roma antiga foi moldado quase que inteiramente pelas narrativas deixadas pelos próprios romanos”, nas quais se destacam “os excessos de seus imperadores, a crueldade impiedosa das relações de poder e, sobretudo, a imensa luxúria da corte e dos cidadãos” (p. 7). Exemplos nesse sentido são dados a partir do “anedotário da licenciosidade e das práticas sexuais dos dignatários romanos” (p. 7), como Tibério, Calígula, Nero e Heliogábalo. De fato, é contra esse registro anedótico – e negativo – das práticas homoeróticas latinas que se dirige a seleção de poemas de *Por que calar nossos*

*amores*? Como defende Gouvêa Júnior ao fim de seu prefácio, é preciso “ultrapassar o imaginário luxurioso com que as narrativas antigas caracterizam a sociedade romana” para, então, ser possível “pensar que havia relações privadas em que a sexualidade tinha outro registro, o do afeto, do humano desejo de uma pessoa por outra” (p. 11).

A seguir, Gontijo Flores, em sua apresentação intitulada “Que cada um cante seu amor”, enfrenta um problema mais geral, de ordem tanto teórica quanto historiográfica. Referindo-se à argumentação filosófica de Foucault, segundo a qual, *grosso modo*, a categoria homossexual é uma realidade ocidental e moderna, aponta Gontijo Flores que o intuito de sua apresentação não é o de explicar a sexualidade romana, mas, antes, de “apenas dar uma linha geral que explique como os romanos encaravam alguns aspectos daquilo que chamamos homossexualidade e que talvez seja descrito melhor como homoerotismo” (p. 13). Dentre esses aspectos, são abordados pontos como: as diferenças entre as práticas homoeróticas entre gregos e romanos; a importância do *status* social em relação às práticas sexuais, bem como da imagem de descontrole ou de submissão que poderia ser associada aos cidadãos que desempenhassem determinados papéis sexuais; a disponibilidade dos corpos dos escravos; a moral específica dirigida contra as mulheres, bem como a escassez de registros de homoerotismo feminino; a relação entre representações literárias do homoerotismo e sua prática social. Quanto ao último ponto, argumenta Gontijo Flores, como no prefácio o fizera Gouvêa Júnior, em favor da seleção de excertos cujas representações sejam positivas: “deixamos de lado a poesia invectiva e nos restringimos à poesia homoerótica que valoriza a descrição e a vivência do afeto” (p. 21).

Seguindo essa premissa, os próximos 22 capítulos apresentam uma seleção de excertos de 20 autores latinos. Cada um dos capítulos ficou sob a responsabilidade de um dos organizadores da obra, que, além do texto original e da tradução, apresenta uma introdução de ordem biográfica (ou contextual, para o caso de autores anônimos) e, na maioria dos casos, notas e comentários. A ordem adotada é cronológica: Valério Edítuo, Pórcio Licino, Quinto Lutácio Cátulo, Tito Lucrécio Caro, Catulo, Caio Mecenas, Virgílio (dividido em dois capítulos, o primeiro sobre a história de Córidon e Aléxis, o segundo sobre Niso e Euríalo), Horácio, Tibulo, Sexto Propércio, Ovídio (dividido em dois capítulos, o primeiro sobre o episódio de Baco e Âmpelo nos *Fastos*, o segundo uma seleção

de episódios das *Metamorfoses*), Fedro, Petrônio, Marcial, Estácio, Plínio, o Jovem, Valério Flaco, uma tradução anônima de Platão, Apuleio e Nemesiano. Encerram o livro dois apêndices com inscrições parietais homoeróticas e provenientes de Pompeia, a primeira escrita por uma mulher e a segunda por um homem.

Do ponto de vista formal, todas as traduções são versões poéticas ricas em sonoridade e ritmo. De modo geral, buscam os tradutores compensar efeitos e imagens presentes nos originais latinos, o que não apenas enriquece suas versões, como ainda dá àqueles que as leem um nível maior de interesse e de curiosidade em relação ao original latino. De fato, trata-se de tradutores de experiência conhecida e sólida formação, cuja habilidade tradutória garante a quem lê uma particular fruição estética.

Por sua vez, quanto ao conteúdo da seleção, é preciso considerar a relação entre a proposta apresentada no início da obra, isto é, buscar o registro poético “do afeto, do humano desejo de uma pessoa por outra”, como propõe Gouvêa Júnior, restringindo-se “à poesia homoerótica que valoriza a descrição e a vivência do afeto”, como especifica Gontijo Flores. Trata-se, como visto, de um esforço de afastamento de textos antigos de caráter anedótico e invectivo, enviados por objetivos políticos e que conservam visões negativas, em direção a textos poéticos que expressariam, por sua vez, registros positivos dos afetos homoeróticos.

Em determinados capítulos, excerto e proposta convergem. Como exemplo, é possível citar a história de Niso e Euríalo, conservada no Canto IX, versos 176-502, da *Eneida*. Emulando a história de Aquiles e Pátroclo, como aponta Gontijo Flores em sua introdução, trata-se não apenas de uma relação homoerótica entre iguais, como ainda de um *exemplum* de *uirtus*, de *pietas* e de *amicitia*, o que possibilita ao eu-épico afirmar acerca dos companheiros: “São dois afortunados! Se vale o meu verso, / nenhum dia vos há de esquecer e estimar, / enquanto houver no Capitólio o lar de Eneias / ou detiver o seu império o pai romano” (*Aen.* IX.446-449, trad. de Gontijo Flores).

Em outros capítulos, porém, a relação entre objetivo e excertos é mais complexa e, por isso, mais interessante. É o caso, sobretudo, dos registros que se referem à relação entre um eu-poético livre com seus *pueri*, de que falam tantos poemas. Como é apontado por consolidada historiografia, trata-se de termo

ambíguo, que pode referir-se a marcador etário (isto é, a um rapaz jovem, livre ou escravo) ou a um marcador jurídico (isto é, a um escravo, independentemente de sua idade).<sup>1</sup> De fato, muitas vezes é difícil distinguir em qual acepção o termo está sendo utilizado. Na maior parte dos casos, o leitor é confrontado com a própria ambiguidade do termo, como o sujeito que, sofrendo golpes “das flechas de Vênus”, busca saciar o seu desejo, “quer o atinja um menino de ares feminis [*puer membris mulieribus*], / ou a mulher [*mulier*] que exhibe amor em todo o corpo” (*Lucr.* IV.1052-1053, trad. de Gontijo Flores). Em outros casos, porém, a distinção é clara, como, por exemplo, no poema 106 de Catulo, no qual a beleza do *puer* está colocada em questão na sua venda por um pregoeiro, subvertendo a relação vendedor/vendido: “Quem com lindo menino [*cum puero bello*] vê um pregoeiro [*praeconem*], / que crê, senão que anseia por vender-se?” (trad. de Oliva Neto).

Com efeito, os únicos capítulos a enfrentarem essa complexidade de registros, tanto na seleção dos poemas quanto na introdução a eles apresentada, são os de Marcial e de Catulo, ambos sob a responsabilidade de Oliva Neto. Na introdução ao capítulo de Marcial, Oliva Neto trata do *puer* não apenas do ponto de vista da tópica poética, de sua efemeridade e transitoriedade, mas também do ponto de vista de um agente social cuja relutância pode ser expressa através do “desencontro entre o desejo do senhor, que é o amante ativo e enunciador do discurso, e o do menino” (p. 183). Em Marcial III.65, por exemplo, dois versos exemplificam a complexidade da situação. Após uma descrição de 8 versos exaltando as qualidades do *puer*, conclui o eu-epigramático: “teu beijo, atroz menino [*saeue puer*], exala assim, Diadúmeno! / E se os desses todinhos sem reagir [*sine inuidia*]?” (*Mart.* III.65.9-10, trad. Oliva Neto). Afeto do senhor pelo *puer*? Certamente. Mas também hostilidade, *inuidia* do *puer* em relação ao senhor. Lido a contrapelo, o epigrama evidencia não apenas o ponto de vista afetivo do senhor – mas também a agência efetiva do *puer* contra o seu senhor.

Mais adiante, reaparece Diadúmeno e temos o eu-epigramático auferindo prazer justamente da relutância do *puer*: “Beijos só por querer se os colho relutantes; / porque me apraz, mais que teu rosto, a raiva; / por te bater com

---

<sup>1</sup> Um balanço recente sobre o assunto pode ser encontrado em A. Richlin (2015) Reading boy-love and child-love in the Greco-Roman world. In: M. Masterson, N.S. Rabinowitz & J. Robson (eds) *Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. London: Routledge, p. 352-373.

muito te querer, Diadúmeno: / meu prêmio é não temeres nem me amares” (*Mart.* V.46.1-4, trad. Oliva Neto). O desejo e o afeto pela submissão do *puer* são mais uma vez explícitos no epigrama que diz “Vens, fujo. Foges, vou. Eis minha mente, Díndimo. / Não teu querer: eu quero o que não queres” (*Mart.* V.83, trad. Oliva Neto). O epigrama não é nem invectivo ou anedótico, mas reconhecê-lo como expressão de afeto *tout court* implica em adotar o ponto de vista do eu-epigramático, não a evidência de um *puer* relutante.

Não censurando sua recolha de poemas, apresenta Oliva Neto, portanto, o homoerotismo romano antigo de maneira mais interessante – porque mais complexo, porque mais ambíguo, porque menos assente numa oposição algo artificial entre registros negativos e positivos. Particularmente no caso dos *pueri*, o afeto homoerótico expresso por muitos poemas não é apenas sobre um jovem, mas muitas vezes de um *senhor* sobre seu *escravo jovem*, o que, portanto, extrapola as relações de afeto em direção à sua intersecção com as de subalternização.<sup>2</sup> A questão é, portanto, menos da escolha de poemas positivos ou negativos, mas sim da maneira de interpretá-los.

Nesse sentido, a abordagem não restritiva de Oliva Neto poderia ter sido expandida para toda a obra, com proveito dos objetivos dos organizadores e da seleção de poemas. Isso possibilitaria a inclusão de sátiras, comédias e demais espécies literárias cômicas que, se evidenciam um registro invectivo acerca do homoerotismo, também possibilitam, se lidas a contrapelo, a observação de uma realidade erótica não heterossexual mais complexa, talvez entrevedo a agência de escravos e outros subalternos. Ao desviar-se parcialmente dos objetivos do livro, Oliva Neto contribui, pois, de maneira ainda mais interessante e profícua para a compreensão, literária e social, do homoerotismo na Roma antiga.

Propondo-se coligir, traduzir e comentar poemas latinos de temática homoerótica, *Por que calar nossos amores? Poesia homoerótica latina* constitui-se em um florilégio, necessário em tempos de obscurantismo moral, de práticas eróticas não heterossexuais da Antiguidade romana. Não obstante, como se depreende a partir dos capítulos sob a responsabilidade de Oliva Neto, apenas ao atentar-se para a complexidade dessas práticas, suas especificidades e

---

<sup>2</sup> A intersecção entre subalternidade e gênero foi recentemente tratada, por exemplo, por B. Shaw (2022) Foreword: What is this history to be? In: C. Courier & J.C. Magalhães de Oliveira (eds) *Ancient History from Below: Subaltern Experiences and Actions in Context*. London/New York: Routledge, p. x-xxv.

contradições, que vão além da oposição entre registros aparentemente positivos e negativos, será possível afirmar, com o refrão da Écloga IV de Nemesiano na tradução de Gontijo Flores, “Que cada um cante seu amor”.

*Data de publicação: 07/07/2023*